

A escrita dos outros: as cartas publicadas no Jornal Lampião da Esquina (1978- 1981)

Alisson Gonçalvesⁱ

Resumo: Durante a década de 1970, o Brasil presenciou a ascensão de movimentos sociais que colocavam suas pautas ao público em diferentes maneiras, por vezes através de manifestações, outras com o uso da mídia impressa, neste caso os chamados jornais alternativos. Estes jornais que adotavam além de um formato diferente, tinham uma diversidade de temas e uma prática de comunicação alinhada ao desejo de liberdades individuais e de expressão dos grupos e movimentos em destaque. A relação entre estes veículos de comunicação e seu público era medida, em grande parte através do retorno dado pelos leitores, principalmente a partir de cartas recebidas nas redações dos jornais. Este artigo propõe apresentar um mapeamento de alguns jornais alternativos existentes durante o período ditatorial brasileiro (1964-1985), com ênfase para o *Jornal Lampião da Esquina*, produzido por um grupo de homens gays entre os anos de 1978 a 1981, destinado para a população LGBTI+ da época, principalmente aos que ainda viviam nos chamados guetos da sociedade. O jornal teve grande aceitação entre o público-alvo e esta ligação ficou evidenciada com as cartas publicadas na seção “Cartas na Mesa”, que também foi analisada ao final deste artigo.

Palavras-chave: Imprensa Gay; Jornal Lampião da Esquina; Imprensa Alternativa;

ⁱ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, - PPGHIS-UFPR. Email: alissongoncalves@ufpr.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-6968-167X>

A escrita dos outros:
As cartas publicadas no Jornal Lampião da Esquina (1978- 1981)
GONÇAVES, A.

Others' writing:

The letters published in the Journal Lampião da Esquina (1978- 1981)

Abstract: During the 1970s, Brazil witnessed the rise of social movements that put their agendas to the public in different ways, sometimes through demonstrations, sometimes through the use of print media, in this case the so-called alternative newspapers. In addition to a different format, these newspapers had a diversity of themes and a communication practice aligned with the desire for individual freedoms and freedom of expression of the groups and movements in the spotlight. The relationship between these media outlets and their audiences was measured largely through feedback from readers, mainly through letters received by the newspapers' editorial offices. This article presents a mapping of some of the alternative newspapers that existed during the Brazilian dictatorship (1964-1985), with an emphasis on the Journal Lampião da Esquina, produced by a group of gay men between 1978 and 1981, aimed at the LGBTI+ population of the time, especially those who still lived in the so-called ghettos of society. The newspaper was very popular with its target audience and this connection was evidenced by the letters published in the "Letters on the Table" section, which was also analyzed at the end of this article.

Keywords: Gay press; Journal Lampião da Esquina; Alternative press;

*E as pilhas de envelopes
 Já não cabem nos armários
 Vão tomando meu espaço
 Fazem montes pela sala
 Hoje são a minha cama
 Minha mesa, meus lençóis
 (As Cartas que eu não mando- Leoni- 1993).*

Introdução

Ao longo da história republicana do Brasil, foram comuns os embates políticos e sociais envolvendo a arte, a imprensa, movimentos de resistência e o governo, principalmente nos momentos onde tais expressões artísticas e de comunicação eram censuradas pelos governos, principalmente após o golpe militar de 1964.

As manifestações de artes foram um exemplo de resistência contra o rígido sistema moral implantado desde a década de 1930. Este sistema passou por modificações, mas manteve seu caráter controlador até muito depois do fim a ditadura militar em meados da década de 1980. Além da arte, podemos identificar outros instrumentos que, publicamente, se colocavam contrários ao tipo de governo vigente. A imprensa, neste caso aquela chamada de alternativa, se punha como uma ferramenta com enfoques jornalísticos diferenciados dos jornais “oficiais”.

Este artigo busca apresentar um panorama sobre a imprensa alternativa no cenário brasileiro, principalmente a partir da década de 1970, dando ênfase a imprensa homossexual tendo como base o Jornal Lâmpião da Esquina. Uma segunda análise, inspirada pelo texto “A Escrita de Si” de Michel Foucault¹, é direcionada à seção *Cartas na Mesa*, do *Jornal Lâmpião da Esquina*, destinada à publicação de correspondências enviadas por leitoras e leitores do jornal.

O espaço e a importância dado as cartas no jornal, mostrava a relação entre o periódico e seus leitores, e se constituíam como um conjunto de narrativas de si, posicionamentos e interpretações deste com os temas abordados no jornal.

Leituras alternativas

Os últimos anos da década de 1970 do Brasil foram marcados por inúmeras mudanças. Como escrevo em minha dissertação de mestradoⁱⁱ, pode-se afirmar que houve uma efervescência nos campos sociais, da cultura, da imprensa e até mesmo no campo político, embaladas pelas canções de protesto da MPB, pelas excêntricas apresentações do grupo *Secos e Molhados*, ou das *Frenéticas*, pelos sambas feitos nas mesas nos bares cariocas.

É importante salientar que os códigos morais iam para além do andamento político do país, pois se aplicavam a rotina e comportamentos da população. A retórica usada para justificar os bons costumes era a base estrutural da ditadura implantada. Segundo o pesquisador Renan Quinalha,

não que a ditadura tivesse inaugurado o preconceito ou a mentalidade conservadora que embalaram uma parcela significativa da população brasileira. O fato é que o golpe de 1964, ao estruturar um aparato de violência complexo e funcional para seus objetivos, proveu aos síndicos da moralidade alheia os meios que precisavam para levar a cabo um projeto de purificação das agências estatais.ⁱⁱⁱ

Assim, entende-se que com a instalação do novo governo, as medidas repressivas foram sendo reestruturadas e aplicadas, mas sempre de forma intensa. A aceitação destas medidas por parte da população acontecia em decorrência do chamado milagre econômico que teve seu auge entre os anos de 1970 a 1972, gerando uma base de consentimentos à população de forma administrativa.

Ainda que a sociedade assistisse uma relativa autonomia, alguns setores permaneciam sob os olhares da censura. É importante ressaltar que, segundo Carlos Fico, a ditadura militar não criou a censura, apenas a adequou aos seus interesses, pois tinha como objetivo principal regular e controlar a produção e bens culturais que circulavam no país, além de manipular mecanismos de memória nacional^{iv}. No que se refere à imprensa e o jornalismo, ainda segundo Fico, houve casos da censura in loco, ou seja, um censor no local emitindo listas de temas proibidos ou repassando informações de órgãos do governo^v.

Mesmo com um momento político que cercava a imprensa de rigor e controle, o momento da abertura política flexibilizou o espaço para a imprensa alternativa, também chamada de nanica, que segundo o historiador Jorge Caê Rodrigues^{vi}, eram os jornais que adotaram o formato tabloide, ou seja, geralmente tinham a metade do tamanho dos jornais convencionais, mas podiam variar quanto a isso e que se caracterizaram pela sua oposição ferrenha ao regime militar. Esses periódicos debatiam desde temas políticos, humor, feminismo, homossexuais, raciais, étnicos ou culturais que eram censurados pelo autoritarismo e apresentavam uma comunicação popular alinhada ao desejo de liberdade de expressão desses grupos e movimentos.

Entre os anos de 1964 a 1985, existiram cerca de cento e cinquenta tipos de publicações desse formato, podemos citar como exemplos *Pasquim* (RJ), *Opinião* (RJ), *Movimento* (SP), *Em Tempo* (SP), *Brasil Mulher* (SP), *Beijo* (RJ), *Ex* (SP), *Versus* (SP) e tantos outros que existiram até o final da ditadura em 1985.

Havia os que eram destinados ao público homossexual, estes eram feitos quase de forma artesanal sendo xerocados ou mimeografados. O *Jornal Lâmpião da Esquina*, na edição número 28 em 1980, listou os jornais e periódicos existentes desde o início da década de 1960, afirmando que havia cerca de 27 publicações circulando.

RIO

O Snob de Gilka Dantas (pseudônimo de Agildo Guimarães); Le Femme de Bianca Marie (pseudônimo de Anuar Farah); Subúrbio à Noite de Frank Gasparelly; Gente Gay de Agildo Guimarães; Aliança de Ativistas Homossexuais e Eros de Frederico Jorge Dantas; La Saison de Jéssica Shelley; O Centauro de Anita Chambarelly; O Vic de Katherine Wood; O Grupo de Georgette de La Cruz; Darling de Georgette de La Cruz e Agildo Guimarães; Gay Press Magazine de Claude Auger; 20 de Abril e O Centro de Bette Taylor; Os Felinos de Gato Preto (Niterói- Rio de Janeiro); Opinião de Gigi Berger (Niterói- Rio de Janeiro); O Mito de Antonio Kalas (Niterói-Rio de Janeiro); Le Sophistique de Adriana Gueiros (Campos- Rj); O Galo (???)

BAHIA

O Gay e Gay Society de Jackie de Maga; o Tiraninho de Orlando Andrade; Fatos e Fofocas, Baby, Zéfiro, Little Darling e Ello de Di Paula (grifos nossos).^{vii}

Em São Paulo, surgiram apenas duas publicações em 1977 para o público homossexual, o *Entender* e o *Mundo Gay*. O principal objetivo delas eram a divulgação de “um roteiro de bares, boatos e clubes frequentados por gays e lésbicas da cidade”^{viii}. A respeito das temáticas abordadas nos jornais, os editores do *Jornal Lampião da Esquina* afirmavam que eles,

versavam sobre amenidades e badalações sociais, também havia indicações culturais, reportagens, classificados, charge, concursos de contos, poemas, roteiros gays, textos transcritos e jornais ou revistas da grande imprensa, assinados por Darcy Penteado, Antônio Bivar e outros.^{ix}

Devido ao significativo número de publicações deste gênero, foi criada em 1962, a *Associação Brasileira de Imprensa Gay-ABIG*, sob liderança de Agildo Guimarães fundador e editor do jornal *O Snob* em meados de 1963 com duração de seis anos. Outro fundador da ABIG foi Anuar Farah, sócio do jornal *Turma OK*, e

ajudou a criar *O Snob*, além de lançar *Le Femme* em 1968. A associação encerrou suas atividades após a instalação do governo militar em 1964. Em 1976, segundo Péret^x, os dois retomaram o jornalismo lançando o jornal *Gente Gay*.

A década de 1970 marcou o apogeu dos jornais alternativos, bem como sua diversificação de temas, defendendo apaixonadamente seus pontos de vista, buscando novos sentidos para suas práticas políticas e apresentando novas propostas para transformações socioculturais. Mas mesmo existindo em um momento de ascensão, tais publicações tinham que sobreviver a baixos custos, além de uma luta constante contra a,

censura e de sofrerem constantes apreensões, às vezes de edições inteiras – o que para essas firmas de pequeno capital era um golpe seríssimo –, os jornais alternativos eram também muitas vezes vítimas de atentados terroristas. Mesmo assim, eles foram bem-sucedidos em desempenhar um papel que a grande imprensa só foi capaz de adotar depois do advento da “abertura”.^{xi}

Pode-se entender com isso, que a imprensa alternativa, embora tenha alcançado seus objetivos em grande parte, era também o alvo das instituições governamentais que buscavam afastar as temáticas abordadas pelos periódicos do meio da sociedade. Em meio a expansão da imprensa alternativa, associado ainda ao levante dos movimentos sociais como o movimento negro e o feminista, um grupo de homens gays se organizam em 1977, e em abril do ano seguinte lançam o *Jornal Lampião da Esquina*.

Segundo Rodrigues^{xii} e Gimenez^{xiii} a divisão dos núcleos, e as disparidades de ideias dividia também o formato geral do jornal entre um periódico mais popular defendido pelo eixo carioca e um periódico mais intelectual pelo eixo paulistano. O *Jornal Lampião da Esquina* radicalizava na imprensa homossexual a nível nacional abordando a homossexualidade, além de lutar contra a repressão,

o conservadorismo político-social e o preconceito, estabelecidos no regime ditatorial.

Para tal tinha a característica de usar uma linguagem com palavras e gírias usadas entre a comunidade de pessoas homossexuais e travestis como uma forma de aumentar a aproximação entre o jornal e seus leitores. Ainda sobre a linguagem, o jornal buscou ressignificar termos tidos como pejorativos no período, palavras como bicha, viado, boneca passam a ser palavras para “empoderar” estes sujeitos marginalizados pela sociedade.

Formado por 11 homens *gays*, o jornal circulou em território nacional entre os anos de 1978 a 1981. Ao longo dos seus três anos de existência, o jornal trouxe mensalmente aos seus leitores reportagens, entrevistas, ensaios críticos, notícias regionais sobre cultura homossexual, colunas de humor e ainda uma seção de cartas dos leitores. O rol de temas ia do convencional ao polêmico de uma edição para outra, como exemplos,

a violência contra homossexuais e mulheres, o racismo, a masturbação, a prostituição masculina, a maconha, o sadomasoquismo, a Igreja e a homossexualidade, e o travestismo. As chamadas eram sempre ousadas: ‘Orgasmo Vaginal’, ‘O tabu do homossexualismo’, ‘O estupro como ato de poder’, ‘A matança das bichas na Alemanha nazista’, ‘A questão negra’, ‘A doença heterossexual’.^{xiv}

Com o propósito de “iluminar” boa parte da comunidade *gay* buscando estruturar uma discussão entre a relação sociedade/homossexualidade, o jornal foi aos poucos construindo uma consciência coletiva de pertencimento em uma comunidade a partir do ato de assumir-se socialmente como um sujeito homossexual, dizendo não ao gueto e saindo dele.

Abrindo as cartas do Jornal Lampião da Esquina

A estrutura do jornal manteve-se praticamente sem mudanças ao longo das edições, mas variava na disposição das matérias. As seções também variavam de permanência, algumas durando apenas duas edições, como a *Ensaio Populares* (edições 08 e 09), outras tiveram uma duração maior como a *Opinião* (da edição 00 à 29), *Ensaio* (durou até o fim do jornal), *Esquina* (durou da 08 a 37). Algumas apareciam esporadicamente como *Reportagem*, *Entrevistas*, *Literatura e Tendências*, *Troca-troca*, *Bixórdia* (uma coluna de fofocas com linguajar ferino), e *Ativismo*.

Podemos afirmar que a seção *Cartas na Mesa* foi uma das seções preferidas pelo público, e segundo o próprio jornal, esta seção.

uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal. É possível chegar ainda mais longe: esta seção será ampliada de acordo com a correspondência recebida, e poderá ir até a publicação de artigos, foros, etc. enviados pelos leitores e que se enquadrem na linha de ideias que norteou a criação do jornal.^{xv}

É importante ressaltar que nem todas as cartas eram publicadas, os editores realizavam uma seleção, e em determinados momentos escreviam cartas de forma anônima quando não havia o retorno esperado dos leitores.

As cartas ao longo da história assumiram diferentes significados, sendo usadas para se expressar, opinar, criticar, e possivelmente o mais essencial delas, é o fato que elas se tornam um veículo de comunicação entre quem escreve e quem a lê. O que vem a acontecer depois disso depende do receptor.

O ato de escrever as cartas pode ser entendido como um processo de escrita de si mesmo, pois tais materiais são manifestações individuais dos sujeitos. Segundo Foucault^{xvi} a carta torna o autor presente de certa forma para quem a lê, informando não somente seu cotidiano e suas atividades, mas também suas angústias. Escrever cartas é um ato de mostrar-se, se expor frente ao leitor.

Entre a edição experimental de abril de 1978 até a última em junho de 1981, segundo Gonçalves^{xvii} o jornal selecionou e publicou cerca de 300 cartas que ofereciam diversas interpretações sobre o periódico, relatos de experiências pessoais, posicionamentos sociais e políticos, e ainda denúncias de violências sofridas por homossexuais e travestis.

O *Jornal Lampião da Esquina* tinha nas cartas recebidas um amparo para sua existência, pois elas serviam como um medidor da popularidade do jornal em relação as suas publicações, e dessa forma, os editores podia perceber a aceitação do jornal pelo público.

A seleção das cartas era feita de forma coletiva entre os editores, que as liam e definiam as quais seriam publicadas em cada uma das edições, e cada uma com direito a resposta por parte do jornal. A ideia e a proposta inicial da seção já ficam evidentes na sua apresentação na edição experimental de abril de 1978,

a ideia do Conselho Editorial de LAMPIÃO é fazer de sua seção de Cartas na Mesa uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal. É possível chegar ainda mais longe: esta seção será ampliada de acordo com a correspondência recebida, e poderá ir até a publicação de artigos, foros, etc. enviados pelos leitores e que se enquadrem na linha de ideias que norteou a criação do jornal. Da primeira leva de cartas recebidas selecionamos as que melhor representam essa orientação (grifos do autor).^{xviii}

A partir do trecho do jornal podemos entender que a seção *Cartas na Mesa* constituiu-se como um espaço de grande importância para o jornal e seus leitores, abrindo um lugar para legitimar o periódico e credibilidade tanto ao jornal quanto aos seus leitores. Tal processo funcionava como um medidor da receptividade do veículo. Ainda que fosse um espaço democrático, pois todo leitor estava livre para

corresponder-se com o jornal, as cartas passavam por um processo de seleção, havendo assim um exercício de poder nas escolhas daquilo que seria publicado.

Em relação ao nome da seção, pode ser entendido como um jogo de palavras a partir da devolutiva dos leitores. Segundo Márcio Leopoldo Bandeira^{xix} quando o jornal colocava as cartas na mesa, ele evidenciava o apoio dos leitores em relação ao jornal, promovendo ao mesmo tempo uma identificação destes leitores como sujeitos homossexuais.

Haviam cartas que traziam um *feedback* sobre o jornal, dentro desta temática foram publicadas 42 cartas. As edições 01 e 02, foram as que mais trouxeram esse '*feedback*' dos leitores, apresentando ao todo cerca de 11 cartas que expressavam as opiniões sobre o jornal e em sua maioria eram críticas positivas. Como é o caso da carta "*Lendo o número zero*", enviada por C. S. S. do Rio de Janeiro, publicada na edição 01, em que o autor (subtendem-se que foi escrita por um homem homossexual), faz uma análise geral acerca da edição experimental de abril de 1978

Fiquei duplamente satisfeito com o LAMPIÃO [...]. Já recebi o jornal. Ficou muito bom, gratificante. A matéria publicada está num nível excelente [...] vocês estão mostrando que o comportamento sexual não é o ponto de referência do indivíduo; [...] a saída do gueto é importante. Eu diria que ainda mais importante é a 'desrotulação'. Ainda sobre o jornal: excelentes as matérias [...], o aspecto cultural me preocupa, não que eu seja elitista ou pretenda que os homossexuais passem a discutir Laing, Brecht, Mallarmé, etc., mas o porque o conceito de que entre homossexuais só se discute sexo ou como no caso das 'bichas' reunidas por aí, o mundo se resume a paetês e plumas, é extremamente nocivo ao homossexualismo.^{xx}

Com base no depoimento do leitor, é possível identificar seu posicionamento em relação a saída do gueto, ponto amplamente defendido pelo jornal, bem como

a necessidade da politização dos sujeitos homossexuais para quebrar os estereótipos existentes.

Na maior parte das vezes, as cartas demonstravam o apreço ou gratidão dos leitores pelo jornal, apoiando a continuidade do trabalho,

vocês me mostram o ponto de vista de um pessoal que pra mim é quase uma incógnita: a viadagem. [...] É por isso que dou forças pra vocês. Você não deixa a peteca cair. [...] vocês me dão força, gente, pra continuar lutando, que o mundo tem jeito sim, a gente em é que não se acomodar no nosso canto, mas sim sair dando machadada na cabeça, na nossa e na dos outros para ver se abre um pouco as ideias, e se percebe um da real simplicidade das coisas deste mundo.^{xxi}

Venho acompanhando o trabalho realizado por vocês, desde o aparecimento do jornal. Evidentemente, trata-se de um trabalho sério que reflete disposição para o debate, o esclarecimento, a informação, a conscientização. O jornal é bem paginado, criativo, engraçado, e, as vezes comovente, tendo conseguido manter, até o momento, um nível realmente inédito no Brasil para as publicações do gênero.^{xxii}

Segundo Paulo Souto Maior Jr.^{xxiii} os leitores do jornal modificavam sua relação consigo mesmo a partir da leitura do *Lampião*, e alguns, por fim, acabavam assumindo sua identidade homossexual, fosse de forma pública a partir dos depoimentos nas cartas em que colocavam seus nomes e cidade, ou ainda de forma anônima, apenas com iniciais.

Haviam ainda cartas enviadas por pessoas heterossexuais que liam o jornal e se identificavam com o que era tratado, como é o caso da carta de Maria das Graças Abreu, do Recife. O diferencial desta, é que a leitora era mãe de um jovem homossexual e partir das experiências do filho e a leitura do jornal, passou a incluir-se na luta contra os preconceitos sofridos pelos homossexuais e ainda incentivava que outras mães na mesma condição fizessem o mesmo.

Mães contra o preconceito

Tenho lido o LAMPIÃO desde o nº 4. Ele me interessa particularmente, pois tenho um filho homossexual. [...] Muita gente fica chocada comigo, porque eu, como mãe, encaro com naturalidade essa particularidade do meu filho. Bom, o que eu queria dizer a vocês é que o número de mães que passam por experiências igual a minha, e que procuram aceitar seus filhos como eles são, é bem maior do que se pensa. Mesmo que, perante a sociedade, estas mulheres assumam uma atitude hipócrita, o fato é que, no fundo elas torcem para que seus filhos homossexuais sejam felizes à sua maneira. Afinal quando o homossexualismo invade nossas casas – mesmo sem ser convidado – a gente descobre que ele não é um monstro como se pinta. Eu adorava o meu filho, e não deixei de ama-lo quando lhe perguntei se era verdade o que os rapazes da rua gritavam à nossa porta, e ele, no auge do desespero, respondeu que sim.

[...] Se outras mulheres aparecerem, quem sabe será a nossa contribuição – das mães – para a luta de vocês. Inclusive, só quando foi preciso dar apoio ao meu filho é que eu – uma mulher de classe média, com 45 anos e pouca cultura – finalmente descobri: o preconceito é uma coisa odiosa, qualquer preconceito; e mesmo com essa idade sei agora que nunca é tarde quando se que lutar contra ele.^{xxiv}

A carta em questão evidencia a questão familiar como sendo parte do debate sobre a homossexualidade, a mãe mesmo surpresa ainda teve a sensibilidade de compreender com naturalidade a ‘particularidade’ do seu filho. A mãe mostrou-se aberta ao diálogo e enfrentamento de preconceitos em virtude de seu filho, além de incentivar outras mães a lutarem também por seus filhos. A equipe do jornal respondeu parabenizando a leitora por sua postura, e o jovem por ter sorte de ter uma mãe como ela.

Em relação as cartas que tratavam sobre o assumir-se ou sobre a aceitação das homossexualidades, foram encontradas 27 cartas que direta ou indiretamente abordavam essa temática.

Outra prática do jornal, era expor violências contra homossexuais e outros grupos sociais, os leitores também aproveitavam para fazer denúncias através das cartas. Segundo Costa e Brito ao mesmo tempo que o jornal questionava a justiça em relação as punições e a naturalidade dos crimes contra LGBTI+, ele denunciava “a ineficiência das investigações policiais nesses casos e as construções narrativas que transformavam as vítimas em culpados”^{xxv}.

A primeira denúncia de abuso contra homossexuais, foi publicada já na edição número 00, e se tratava de um caso comum de extorsão policial a homens gays, profissionais do sexo (homens e mulheres) e travestis.

Nos becos escuros

Soube que vocês iam dar ênfase às cartas dos leitores, e tratei de escrever correndo, para ver se a minha carta saia ainda no número zero. Eu queria me queixar contra os policiais que fazem ronda no local guei denominado “Buraco da Maísa”, no Castelo, no Rio. É que eles não impedem as pessoas de entrar no Buraco, até facilitam; depois que a gente está lá dentro é que eles aparecem, querendo dinheiro para não levar o pessoal preso. Será que vocês podiam fazer uma reportagem sobre isso?.”^{xxvi}

Como resposta, o jornal se compromete a garantir que todas as pessoas possam frequentar tais locais com segurança, reforçando que é função do governo garantir tal direito. Casos como este voltaram a ser publicados no jornal em outras edições, exemplo disso foi o relato publicado na edição 16,

Chantagem no banheiro da central Hoje à tarde (12.7.79) fui dar umas badaladas inocentes por aí, aproveitando uma folga do serviço e acabei indo até a Central do Brasil, local onde apareço de vez em quando e acho curtível uma vez ou outra. Bem, fui dar uma olhadinha rápida (não mais de dois minutos) no banheiro principal e, assim que comecei a mijar, fui abordado por um rapaz de estatura média, magro, moreno claro e de bigodes, que se identificou como policial. Pediu documentos (berrando é claro) e já com auxílio de dois

guardas fardados levou-me até a delegacia, que fica perto do banheiro, na Central mesmo. Chegando lá notei a presença de mais quatro entendidos na mesma situação que a minha: dentro de uma delegacia, contra a vontade e sem saber o motivo. Logo o tal policial veio nos dizendo que detestava viados (nenhum de nós tinha pinta, fazíamos o gênero sério, (enrustido), e começou com uma série incrível de humilhações e ameaças (coisas do tipo ‘o Brasil não vai pra frente por causa de vocês’, ‘vou dar fichas suas para os empregos de vocês’, ‘daqui a pouco chegam os repórteres para fotografar vocês’ etc.) Logo percebi o que eu estava fazendo ali: eu tinha sido escolhido, por ser homossexual, juntamente com os outros quatro, para ser assaltado por policiais. E não deu outra coisa: logo o tal policial disse que se tivéssemos uns trocados, como era a primeira vez e nós tínhamos pinta de boa gente (vejam só...) ele nos dispensaria. E claro que queríamos é sair logo daquele local: eu dei 300 cruzeiros e os outros entre 100 e 500. Isso acontece todos os dias, várias vezes ao dia. Não há dúvidas que todos na delegacia recebem uma parte. E é um ordenado a mais, muito seguro. Quem é que vai ser bobo de querer remar contra a maré, bem no lugar desconfortável e corrupto? Imaginem os crimes que eles inventariam pra nós.^{xxvii}

Dando a voz às denúncias e queixas dos homossexuais, a partir de seus próprios relatos em cartas, o Jornal possibilitou que esses sujeitos assumissem uma posição diferente da vítima que era vista como culpado. Agora esses sujeitos violentados podiam ser ouvidos, e contar as suas versões sobre as violências sofridas, tendo agora seu espaço e valor.

Considerações

O cenário político do Brasil a partir de 1964, foi marcado por um aumento da censura pautada em princípios morais. Tal controle se estendeu sobre a população, grupos contrários politicamente, e ainda sobre veículos de comunicação como jornais e setores artísticos.

Durante a década de 1970, mesmo com o abrandamento dos debates políticos e a ascensão dos movimentos sociais, a censura e o controle moral permaneceram ainda até o fim do regime. Em meio a este momento, com os debates e reivindicações sociais, os jornais da imprensa alternativa se destacando em várias áreas, o *Jornal Lampião da Esquina* surge com o propósito de oportunizar voz à população homossexual ainda marginalizada nos guetos e tendo sua existência tratada com violência.

O jornal trouxe o debate do assumir-se como uma das formas de mostrar a existência de tantos sujeitos e sexualidades distintas para além dos discursos hétero normatizantes da época. Através do uso de uma linguagem particular dos guetos o jornal buscou aproximar-se com seus leitores ao longo dos mais de três anos de venda e circulação no país.

Com seções e reportagens que abordavam uma vasta gama de temas, o jornal se constituiu como um importante veículo de comunicação para a população de homens e mulheres homossexuais, travestis, transformistas, e integrantes de outros movimentos sociais como mulheres, negros e indígenas.

A importância e espaço dado as cartas, vai de encontro com a afirmativa de Foucault^{xxviii} sobre a escrita de si, em que a escrita por parte dos leitores amenizava a solidão vivenciada por eles ao mesmo tempo que tornava visível seus sentimentos, angústias e a sensação de proximidade entre eles e o jornal através da figura dos editores.

Notas

ⁱ FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In: MOTTA, Manoel Barros da. (Org.). **Ética, Sexualidade, Política**: Michel Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

ⁱⁱ GONÇALVES, Alisson. **Jornal Lampião da Esquina (1978-1981): à luz da identidade gay no Brasil ditatorial**. Dissertação de Mestrado em História. Ponta Grossa: UEPG. 2022.

ⁱⁱⁱ QUINALHA, Renan Honório. **Contra a moral e os bons costumes**: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2021. p. 27.

- ^{iv} FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, J., DELGADO, L. A. N., (orgs.) **O tempo do regime autoritário**: ditadura militar e redemocratização. Quarta República 1964– 1985. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- ^v Idem.
- ^{vi} RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de Identidade**: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil. Niterói: EdUFF, 2010.
- ^{vii} JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA, 1980, nº 28, p. 07.
- ^{viii} PÉRET, Flávia. **Imprensa Gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha. 2011. p. 33.
- ^{ix} MICOLLIS, Leila. **“Snob”, “Le Femme”... Os bons tempos da imprensa guei**. Jornal Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, ano III, nº 28, p. 06, set. 1980.
- ^x PÉRET, op. cit., 2011.
- ^{xi} MACRAE, Edward. **A construção da igualdade** – política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 142.
- ^{xii} RODRIGUES, Caê Jorge. Um lampião iluminando as esquinas escuras da ditadura. In: GREEN, N. James; QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidade**: repressão, resistência e a busca pela verdade. 2ª reimpressão. São Paulo: Ufscar, 2018.
- ^{xiii} GIMENEZ, Mariana Quadros. **“Saindo do armário”, porque é tempo de abertura**: Memória, identidades e representações por meio do Lampião da Esquina (1978–1981). Dissertação (Mestrado em História), UFGD, 2015.
- ^{xiv} PERET, 2011, p. 50.
- ^{xv} CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, nº 00, 1978, p. 14.
- ^{xvi} FOUCAULT, op. cit., 2004.
- ^{xvii} GONÇALVES, op. cit., 2022.
- ^{xviii} CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, nº 00, 1978, p. 14.
- ^{xix} BANDEIRA, Márcio L. Gomes. **Será que ele é?** Sobre quando Lampião colocou as cartas na mesa. Dissertação (Mestrado em História), São Paulo: PUC, 2006.
- ^{xx} C.S.S.; Jornal Lampião da Esquina, nº 01, 1978, p. 15.
- ^{xxi} MEDINA; Jornal Lampião da Esquina, nº 05, 1978, p. 15.
- ^{xxii} RADICEZ; Jornal Lampião da Esquina, nº 11, 1979, p. 18.
- ^{xxiii} MAIOR JR. Paulo R. Souto. **Assumir ou não assumir**: O Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978–1981). Porto Alegre-RS: Editora Fi. 2020.
- ^{xxiv} ABREU. Maria das Graças. Mães contra o preconceito. Jornal Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano I, n. 09, p.14, fev/1979.
- ^{xxv} COSTA E BRITO, Alexandre M. Maciel. **O Lampião da Esquina**: Uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978–1981). Dissertação (Mestrado em História) UNB–Brasília, 2016, p. 45.
- ^{xxvi} JENIFER; Jornal Lampião da Esquina, nº 00, 1978, p. 14.
- ^{xxvii} LUIS CARLOS; Jornal Lampião da Esquina, nº 16, 1979, p. 18.
- ^{xxviii} FOUCAULT, op. cit., 2004.

Referências

ABREU, Maria das Graças. Mães contra o preconceito. **Jornal Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano I, n. 09, p.14, fev/1979.

BANDEIRA, Márcio L. Gomes. **Será que ele é?** Sobre quando Lampião colocou as cartas na mesa. Dissertação (Mestrado em História), São Paulo: PUC, 2006.

CARLOS, Luís. Chantagem no banheiro central. **Jornal Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano II, n.16, p.18, set/1979.

CONSELHO EDITORIAL, Cartas na Mesa. **Jornal Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro. Edição experimental, ano 01. n.º 00, p. 14, abril/1978.

CONSELHO EDITORIAL, Publicações que circulavam na época. **Jornal Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ano III, nº 28, p. 07, set. 1980.

COSTA E BRITO, Alexandre M. Maciel. **O Lampião da Esquina**: Uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978-1981). Dissertação (Mestrado em História) UNB-Brasília, 2016.

C.S.S., Lendo o número zero. **Jornal Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ano I, nº 01, p. 15, mai/jun 1978.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, J., DELGADO, L. A. N., (orgs.) **O tempo do regime autoritário**: ditadura militar e redemocratização. Quarta República 1964- 1985. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In: MOTTA, M. B. da (Org.). **Ética, Sexualidade, Política**: Michel Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GIMENEZ, Mariana Quadros. **“Saíndo do armário”, porque é tempo de abertura**: Memória, identidades e representações por meio do Lampião da Esquina (1978-1981). Dissertação (Mestrado em História), UFGD, 2015.

GONÇALVES, Alisson. **Jornal Lampião da Esquina (1978-1981)**: à luz da identidade gay no Brasil ditatorial. Dissertação de Mestrado em História. Ponta Grossa: UEPG. 2022.

MAIOR JR. Paulo R. Souto. **Assumir ou não assumir:** O Lâmpião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978–1981). Porto Alegre-RS: Editora Fi. 2020.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade** – política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”. Salvador: EDUFBA, 2018.

MEDINA, Beatriz. A força está conosco. **Jornal Lâmpião da Esquina**. Rio de Janeiro, ano I, nº 05, p. 15, out/1978.

MICOLLIS, Leila. “Snob”, “Le Femme”... Os bons tempos da imprensa guei. **Jornal Lâmpião da Esquina**. Rio de Janeiro, ano III, nº 28, p. 06, set. 1980.

JENIFER, Nos becos escuros. **Jornal Lâmpião da Esquina**. Rio de Janeiro, ano I, nº 00, p. 14, abril/maio 1978.

PÉRET, Flávia. **Imprensa Gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha. 2011.

QUINALHA, Renan Honório. **Contra a moral e os bons costumes:** A ditadura e a repressão à comunidade LGBT. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2021.

RADICEZ, Telma. A voz da mulher. **Jornal Lâmpião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano I, nº 11, p. 18, abril 1979.

RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de Identidade:** um olhar sobre a imprensa gay no Brasil. Niterói: EdUFF, 2010.

RODRIGUES, Caê Jorge. Um lâmpião iluminando as esquinas escuras da ditadura. In: GREEN, N. James; QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidade:** repressão, resistência e a busca pela verdade. 2ª reimpressão. São Paulo: Ufscar, 2018.

Recebido: 15/05/2024

Aprovado: 23/07/2024

Publicado: 24/09/2024